

REFLEXÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO: MÉTODO FÔNICO E CONCEPÇÃO CONSTRUTIVISTA

REFLECTIONS ON LITERACY: PHONIC METHOD AND CONSTRUCTIVE CONCEPTION

¹ DELAFIORI, S.; ² NICACIO, R.T.

^{1 e 2} Curso de Pedagogia do Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos – Unifio

RESUMO

Essa pesquisa, ainda em andamento, aborda a alfabetização como tema por reconhecê-la como um dos problemas mais persistentes da educação brasileira, sendo assim, neste trabalho traz-se uma reflexão sobre a história da alfabetização com enfoque nos métodos sendo enfatizada a atual discussão sobre método fônico e concepção construtivista. O objetivo é apresentar a história de tentativas e fracassos que a alfabetização vem enfrentando durante quatro momentos da história e também apontar uma das possíveis causas pela qual o método fônico emerge nas propostas do novo governo brasileiro.

Palavras-chave: Alfabetização. História. Métodos. Construtivismo

ABSTRACT

This research, still in progress, addresses literacy as a theme because it recognizes it as one of the most persistent problems of Brazilian education. Thus, this paper brings a reflection on the history of literacy with a focus on methods phonic method and constructivist conception. The objective is to present the history of attempts and failures that literacy has been facing for four moments of history and also to point out one of the possible causes by which the phonic method emerges in the proposals of the new Brazilian government.

Keywords: Literacy. History. Methods. Constructivism

INTRODUÇÃO

A educação no Brasil, é um tema sempre colocado em discussão, pois, sabe-se das dificuldades enfrentadas no país em relação a esse aspecto, principalmente com os problemas de leitura e escrita, que não são exclusivos do período no qual se está vivendo, mas que persistem desde o período pós proclamação da República em 1889 quando houve necessidade de que uma maior parte da população tivesse acesso à cultura letrada.

Os índices de analfabetismo são persistentes e segundos dados do IBGE ¹em 2017 o Brasil apresentou 7,2 % de analfabetos na faixa etária de 15 anos ou mais, o que equivale a 11,8 milhões de pessoas e demonstra que a meta estimada

¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

pelo PNE² de reduzir o percentual de analfabetismo a 6,5 % em 2015, ainda não foi alcançado em 2017.

Sendo assim, essa pesquisa tem como objetivo refletir sobre a alfabetização e seus problemas diante da história dos métodos com base nos quatro momentos históricos estabelecidos por Mortatti (2006) e também colocar em questão algumas ideias relacionadas ao uso do método fônico e a concepção construtivista que vem sendo discutida pelo governo do Presidente Jair Bolsonaro.

A proposta de refletir sobre a história primeiramente está relacionada a questão de que quando se conhece o passado, dificilmente se comete os mesmos erros no presente, sendo assim, as propostas apontadas pelo atual governo em relação ao método fônico, seriam mesmo uma solução para o elevado índice de analfabetismo no Brasil?

Essa será a discussão proposta nessa pesquisa, buscando esclarecer de forma sucinta os momentos da alfabetização e responder à pergunta proposta segundo os apontamentos históricos e os ideais da Psicogênese da Língua Escrita, publicada no Brasil em 1985.

CONTEXTO HISTÓRICO

A história da alfabetização segundo Mortatti (2006, p. 95) pode ser dividida em quatro momentos cruciais:

1º momento (1876 a 1890) – disputa entre defensores do então “novo” método da palavração e os dos “antigos” métodos sintéticos (alfabético, fônico, silábico); *2º momento* (1890 a meados da década de 1920) – disputa entre defensores do então “novo” métodos analítico e dos “antigos” métodos sintéticos; *3º momento* (meados dos anos de 1920 a final da década de 1970) – disputa entre defensores dos “antigos” métodos de alfabetização (sintéticos e analíticos e dos então novos testes ABC para verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita, de que decorre a introdução dos “novos” métodos mistos; *4º momento* (meados da década de 1980 a 1994) – disputas entre os defensores da então “nova perspectiva construtivista e os dos “antigos” testes de maturidade e dos “antigos” métodos de alfabetização (MORTATTI, 2006, p. 95-96).

Nesse primeiro momento, intensificou-se o uso do chamado método sintético, que se baseava na ideia de partir do menor sinal gráfico (a letra) para o maior (a palavra). Um dos defensores desse método foi o professor Thomas

² Plano Nacional de Educação

Galhardo (1855-1904), criador da chamada Cartilha da Infância, para ele o método sintético era o mais adequado para alfabetização das crianças e, por isso, sua cartilha foi toda baseada nele. Segundo Galhardo:

Dos três métodos de ensino da leitura, antigo ou da soletração, moderno ou da silabação, e moderníssimo ou da palavração, escolhemos o meio termo, sobre cujas bases foi escrito o presente sistema (GALHARDO, 1939, p. 6).

Em 1876, marco definido como inicial do primeiro momento da história da alfabetização, segundo Mortatti (2006) é publicada a Cartilha Maternal, do poeta português João de Deus. A partir de então inicia-se uma disputa entre o até então conhecido método sintético e o método João de Deus disseminado no Brasil, pelo professor da Escola Normal em São Paulo Antônio Silva Jardim. Segundo Mortatti

Com essa disputa, funda-se uma nova tradição: o ensino da leitura envolve necessariamente uma questão de método, ou seja, enfatiza-se o como ensinar metodicamente, relacionado com o que ensinar; o ensino da leitura e escrita é tratado, então, como uma questão de ordem didática subordinada às questões de ordem linguística (da época) (MORTATTI, 2006, p. 6).

A alfabetização no Brasil, no entanto, ganhou intensidade após a Proclamação da República em 1889, quando houve necessidade de que uma maior parte da população tomasse conhecimento da cultura letrada, considerando os novos ideais do Estado republicano. De acordo com Mortatti:

No âmbito desses ideais republicanos, saber ler e escrever se tornou instrumento privilegiado de aquisição de saber/esclarecimento e imperativo da modernização e desenvolvimento social. A leitura e a escrita - que até então eram práticas culturais cuja aprendizagem se encontrava restrita a poucos e ocorria por meio de transmissão assistemática de seus rudimentos no âmbito privado do lar, ou de maneira menos informal, mas ainda precária, nas poucas "escolas" do império ("aulas régias") - tornaram-se fundamentos da escola obrigatória, leiga e gratuita e objeto de ensino e aprendizagem escolarizados (MORTATTI, 2006, p. 3).

Após esse período, no segundo momento da história da alfabetização (1890-1920), surgiu o chamado método analítico que teve como seu principal representante o professor João Kopke (1852-1926), que defendia a ideia de que o ensino da leitura deveria partir do todo, o inverso da ideia proposta pelo método sintético. De acordo com Mortatti (2006, p. 7) iniciou-se, assim, uma acirrada disputa entre partidários do então novo e revolucionário método analítico para o ensino da leitura e da escrita e os que continuavam a defender e utilizar os tradicionais métodos sintéticos.

Esse método, no entanto, tornou-se obrigatório nas escolas, primeiramente em São Paulo e depois foi sendo disseminado pelo restante do país, mesmo sendo ignorado por alguns grupos de professores que faziam queixas da lentidão dos resultados, ele foi considerado o mais eficaz e segundo Magnani (1997) e Mortatti (2000) foi institucionalizado pelas autoridades da instrução pública paulista na tentativa de responder as urgências sociais daquele momento.

Vemos então que nesse segundo momento, o foco das discussões sobre alfabetização foi o método analítico, pois, o que se buscava era a eficácia de um único método que fosse capaz de uniformizar o ensino da leitura, sendo assim, esse foi um momento em que houve a produção de muitas cartilhas que partiam dos princípios do método analítico, dentre autores de cartilhas sobre esse método, temos Theodoro de Moraes (1877-1956), Antonio Firmino de Proença (1880-1946), além de João Kopke (1852-1926).

Em meados do século XX esses métodos até então propostos, pareciam não estar sendo suficientes para se atingir o objetivo de ensinar as crianças a ler e a escrever e então, em busca mais uma vez da solução para esse problema, foi proposto o chamado método misto ou eclético, nada mais que a fusão dos dois métodos mais conhecidos até o momento, sintético e analítico. Segundo Mortatti

Buscando conciliar os dois tipos básicos de métodos de ensino da leitura e escrita (sintético e analítico), em várias tematizações e concretizações das décadas seguintes, passaram-se a utilizar: métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético ou vice-versa) considerados mais rápidos e eficientes (MORTATTI, 2006, p. 8).

No quarto momento da história da alfabetização, considerando o que diz Mortatti (2006), foi que houve um marco na história com a publicação da *Psicogênese da Língua Escrita*, em que as autoras consideraram a necessidade de mudar o eixo “de como se ensina” para “como se aprende” percebendo que até o momento, os métodos de ensino não haviam surtido efeito algum e os índices de analfabetismo persistiam. Segundo as autoras:

Já não é mais possível conceber a escrita exclusivamente como um código de transcrição gráfica de sons, já não é mais possível desconsiderar os saberes que as crianças constroem antes de aprender formalmente a ler, já não é mais possível fechar os olhos para as consequências provocadas pela diferença de oportunidades que marca as crianças de diferentes classes sociais. Portanto, já não se pode mais ensinar como antes (FERREIRO; TEBEROSKY, 1980).

Iniciou-se então um movimento em busca da apropriação do construtivismo em escolas da rede pública, por meio de teses, artigos, livros, vídeos, entre outros recursos. As autoridades da educação, buscavam uma forma de institucionalizar essa nova ideia nas escolas. Em conformidade com Mortatti (2006, p. 10) inicia-se assim uma disputa entre os partidários do construtivismo e os defensores – quase nunca “confessos”, mas atuantes especialmente do nível das concretizações – dos tradicionais métodos.

Mesmo com toda a repercussão do construtivismo, sendo ele institucionalizado até mesmo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), havia uma dificuldade de se assimilar essa mudança de eixos de “como se ensina” para “como se aprende” porque os métodos utilizados até o momento ofereciam um “passo-a-passo” para alfabetizar, enquanto na Psicogênese, conforme Mello (2003), não se encontra uma proposta didática de alfabetização, nem “receitas prontas” com intenção de garantir o sucesso da alfabetização de todas as crianças.

Essa ausência de uma didática pronta para alfabetizar as crianças, acabou atrapalhando o sucesso do construtivismo no Brasil, pois durante toda a história da alfabetização pensou-se em um único método que fosse capaz de alfabetizar todas as crianças. De acordo com Mortatti:

Dentre a multiplicidade de problemas que enfrentamos hoje a respeito do ensino inicial da leitura e escrita, as dificuldades decorrentes, em especial, da ausência de uma “didática construtivista” vêm abrindo espaço para a tentativa, por parte de alguns pesquisadores, de apresentar “novas” propostas de alfabetização baseadas em antigos métodos, como os de marcha sintética (MORTATTI, 2006, p. 12).

Os métodos, portanto, continuam sendo propostos como solução para os problemas de analfabetismo e a mais recente discussão, é entre os defensores do construtivismo e defensores do mais “novo” método fônico. Sendo assim, será esse método, a solução para os problemas de leitura e escrita? Ou mais uma vez, a proposta de um método inovador, será descartada, como todos os outros foram durante a história?

MÉTODO FÔNICO E CONSTRUTIVISMO

Sabe-se que o construtivismo surgiu como uma proposta inovadora para alfabetização, pois, sugeria uma mudança no eixo ensino e aprendizagem, ou seja, desloca-se do modo como se ensina, para como se aprende. Sendo assim, para Ferreiro e Teberosky (1999, p. 31), a concepção de aprendizagem é “inerente a psicologia genética e supõe, necessariamente, que existam processos de aprendizagem do sujeito que não dependem dos métodos”, o que nos indica que a aprendizagem das crianças, ou seja, a aquisição do conhecimento, é uma atividade do próprio sujeito.

Assim, a concepção que o construtivismo apresenta é de o aluno como centro do processo de aprendizagem e o sucesso do ensino dependendo da própria atividade da criança, a aprendizagem sendo considerada como a obtenção do conhecimento e não apenas como o ato de codificar e decodificar a língua, dessa maneira:

Na teoria de Piaget, o conhecimento objetivo aparece como uma aquisição, e não como um dado inicial. O caminho em direção a este conhecimento objetivo não é linear: não nos aproximamos dele passo a passo, juntando peças de conhecimento uma sobre as outras, mas sim através de grandes reestruturações globais, algumas das quais são “errôneas” (no que se refere ao ponto final); porém construtivas (na medida em que permitem aceder a ele) (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 33).

Sendo assim, diferente do que era proposto pelos métodos, o construtivismo não só coloca a criança como centro da aprendizagem, como também permite que ela erre. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999, p. 33) para uma psicologia (e uma pedagogia) associacionista todos os erros se parecem. Para uma psicologia piagetiana, é chave poder distinguir entre os erros aqueles que constituem pré-requisitos necessários para a obtenção da resposta correta.

Essa “permissão” de que a criança cometa erros, não indica que ela permanecerá nesse estágio de erros e que não será feito nada a respeito, pelo contrário, cabe ao professor partir desses erros e fazer com que a criança avance em suas hipóteses. É necessário fazer com que ela repense sobre o que fez e busque acertar. De acordo com Kucybala ([?], p. 23)

A prática docente também assume o importante papel de proporcionar e favorecer diferentes oportunidades de aprendizagem para as crianças, com vistas a possibilitar que cada indivíduo, ao seu tempo, possa livremente testar suas hipóteses. Por isso, é fundamental o professor conhecer bem cada etapa e cada nível de escrita pelo qual a criança passa para, a partir daí, planejar atividades que lhe permita avançar em suas hipóteses (KUCYBALA, [?], p. 23).

Diante disso, é que podemos entender a proposta do construtivismo como algo não-linear, porque a criança cometerá erros, criará hipóteses sobre a escrita e precisará desconstruí-las, até alcançar a escrita convencional, ou seja, é um olhar diferenciado do que o proposto durante anos com o uso dos métodos sejam eles sintéticos ou analíticos.

Mesmo com as ideias inovadoras do construtivismo é interessante reconhecer que a questão dos métodos vem sendo permeada até os dias atuais como já citado por Mortatti (2006) e vem sendo colocado em questão, o chamado método fônico, considerado por seus autores, Capovilla e Capovilla (2004), como a solução para a crise da alfabetização no Brasil.

O método fônico considera a importância de se adquirir a consciência fonológica para aprendizagem da leitura e da escrita, pois quando essa consciência não é desenvolvida o resultado é a formação de maus leitores. Assim como todos os métodos apresentados durante a história, o método fônico considera a leitura e a escrita apenas como um processo de codificação e decodificação, desconsiderando os saberes que as crianças já possuem, partindo do pressuposto de que:

A consciência fonológica refere-se tanto à consciência de que a fala pode ser segmentada quanto a habilidade de manipular tais segmentos, e se desenvolve gradualmente à medida que a criança vai tomando consciência do sistema sonoro da língua, ou seja, de palavras, sílabas e fonemas como unidades identificáveis (CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2000b, apud LOPES, 2004, p. 241).

No entanto, apesar de ser apresentado como uma proposta inovadora para a crise da alfabetização no Brasil, o método fônico segundo Mortatti (2008) é um método de alfabetização caracterizado por marcha sintética, conhecido no Brasil desde o século XIX e que foi veementemente criticado e combatido por aqueles que propuseram e defenderam o método analítico.

Sendo assim, essa proposta sobre o método fônico, não seria um retrocesso na história, cometendo o mesmo erro relacionado a um método que já foi testado e não surtiu grandes efeitos? E o que vem fazendo com que essa proposta de solução venha à tona e ainda sendo apoiada pelo atual governo?

Como já foi dito por Mello (2003), o construtivismo não apresenta nenhuma “receita pronta” ou proposta didática que alfabetize as crianças, isso porque não se trata de um método e sim de uma concepção e busca não oferecer uma proposta de

ensino e sim trazer uma proposta do processo pelo qual a criança passa para adquirir a leitura e a escrita convencional.

Diante disso, essa concepção não propõe uma única linha de pensamento, que deve ser seguida pelo professor, propõe que o professor tenha várias linhas de pensamento, considerando aquilo que cada criança sabe e partindo disso para fazê-la avançar no processo de aprendizagem.

Essa proposta, em um país que tem a história da alfabetização marcada pelo uso de métodos, parece ser inalcançável, não porque as crianças não sejam capazes de se alfabetizar pelo construtivismo e sim porque ainda é dificultoso assimilar que não existe uma receita pronta e igual para todas diante dessa concepção.

Além do mais, durante a história muitas ideias equivocadas em relação ao construtivismo foram sendo formadas, e isso acabou por ocasionar uma confusão em relação ao que realmente diz os estudos de Emília Ferreiro e o que se observa nas escolas. Sendo assim:

Diz-se, por exemplo que “o construtivismo leva a bagunça”; que se devem usar objetos materiais, aproveitar o cotidiano do aluno e não impor tarefas; que o conhecimento é inato e a inteligência é hereditária e, portanto, imutável. Possivelmente, quando o professor tenta “aplicar o construtivismo” em aula, essas ideias formam um emaranhado sintético com as crenças que ele elaborou até então e as quais recorre em suas práticas diárias (CHAKUR; SILVA; MASSABNI, 2004, p. 5).

Essas ideias equivocadas sobre a concepção construtivista, portanto, influenciam consideravelmente nos resultados que vem sendo apresentados em relação aos problemas de alfabetização no Brasil. Se essas ideias que foram disseminadas vêm sendo aplicadas em sala de aula, não é de uma alfabetização baseada nas pesquisas de Ferreiro que se está falando e sendo assim, não se pode apontar como causa dos problemas algo que não sendo aplicado de forma coerente em sala de aula.

Apesar disso, pesquisadores sobre o método fônico, preferem acreditar que o construtivismo é sim responsável pelos problemas de analfabetismo no Brasil e inclusive sustentam essas ideias errôneas que foram disseminadas.

Pior que isso, com base em especulações de discutível credibilidade como “não é o professor que alfabetiza a criança, mas sim é a criança que se alfabetiza a si mesma”, esse *establishment* desencorajou sistematicamente a condição de pesquisas sobre alfabetização, como se não fossem necessárias, como se “a verdade da educação” já tivesse sido decretada pelo construtivismo, apesar do detalhe incômodo da incompetência crescente da criança brasileira (especialmente a pobre) que teima em não

alfabetizar-se a si mesma e em fracassar sob essa orientação, de outro modo tão aparentemente inspirada e romântica (CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2007, p. 8).

Como pode ser visto, o construtivismo vem sendo vítima de duras críticas com o objetivo de ser apontado como responsável pelo analfabetismo no Brasil. No entanto, se esses problemas são persistentes ao longo da história, inclusive no período em que se usava os métodos de marcha sintética, como ele pode ser responsável pelos resultados das pesquisas atuais? E considerando que muitas ideias errôneas sobre essa concepção foram formuladas, como confiar que as práticas em sala de aula são realmente construtivistas e estão falhando?

Sendo assim, o retorno do método de marcha sintética, renomeado para método fônico, pode estar relacionado a necessidade que as escolas brasileiras têm em seguir uma sequência, um “passo-a-passo” para alfabetizar as crianças, mas isso não pode ser justificado de maneira a apontar o construtivismo como responsável pelo fracasso da alfabetização no país, isso porque se ele for considerado culpado, o método fônico também carrega a mesma parcela de culpa, pois já foi utilizado e não surtiu efeitos, como já citado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro das reflexões propostas até aqui, pode-se considerar que a história da alfabetização foi pautada em geral na questão dos métodos, na tentativa de se encontrar uma única maneira de alfabetizar as crianças, pois, pensava-se majoritariamente na melhor maneira para ensinar.

Com a publicação da Psicogênese da Língua Escrita no Brasil em 1985, começou-se a pensar no processo pelo qual a criança passa até chegar a leitura e escrita convencional. No entanto, apesar da grande repercussão do construtivismo no Brasil, sendo ele institucionalizado até mesmo nos PCN³, há uma grande dificuldade de assimilação entre a teoria e prática, pois diferente do que os métodos propunham, o construtivismo não oferece nenhuma proposta didática pronta para alfabetização, além de que muitas ideias errôneas sobre o construtivismo foram disseminadas.

³ Parâmetros Curriculares Nacionais

Sendo assim, o retorno do método sintético, intitulado agora como método fônico, pode estar relacionado a essa dificuldade de se colocar o construtivismo em prática, considerando essa ausência de uma didática pronta ou porque o que vem sendo proposto em sala de aula pode ser uma ideia equivocada do construtivismo que foi disseminada e, portanto, está surtindo efeitos contrários ao esperado.

Diante dessas reflexões, é que se pode considerar que o grande problema não está unicamente relacionado ao método sintético, analítico, eclético ou fônico, a grande questão é a importância que se dá em encontrar uma única forma para alfabetizar. Durante toda a história isso foi colocado em questão e atualmente vem sendo colocado novamente, pois, é mais reconfortante depositar as expectativas de aprendizagem em um método que se apoia em uma sequência didática, do que desenvolver um olhar sensível, curioso e se dedicar a um processo de alfabetização construtivista muito mais complexo.

Retornando a questão, sobre o método fônico ser uma proposta capaz de eliminar o analfabetismo, sabe-se então, diante da história que esta não é uma proposta inovadora, porque está baseada no método de marcha sintética, já utilizado. No entanto, não deve ser apontado como único culpado pela persistência dos índices de analfabetismo, pois cabe aos profissionais da educação, ao terem conhecimento dos acontecimentos históricos julgarem se é válido ou não, insistir em métodos já utilizados, considerando a importância desses na época, uma vez que era o que estava ao alcance naquele período.

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, A; CAPOVILLA, F; **Alfabetização: Método fônico**, São Paulo, 2007.

CAPOVILLA, A, G, S; CAPOVILLA, F, C; SUITTER, I. **Processamento Cognitivo em crianças com e sem dificuldades de leitura**, Psicologia em estudo, Maringá v.9, n. 3, p. 449-458, Set/Dez, 2004.

CHAKUR, C, R, de S, L; SILVA, R, C; MASSABNI, V, G; **O Construtivismo no Ensino Fundamental: Um caso de desconstrução**, Unesp, 2004.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

KUCYBALA, F, dos S; **Alfabetização e Letramento**. Porto Alegre: Sagah, [?]

LOPES, Flávia. **O Desenvolvimento da Consciência Fonológica e sua Importância para o Processo de Alfabetização**. Universidade São Francisco, 2004.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil:** Contribuições para metodizar o debate. Revista ACOALFApp: Acolhendo a alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, São Paulo, ano 3, n. 5, 2008.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil.** Seminário “Alfabetização e Letramento em debate”, Brasília, 2006.

MORTATTI, M, R, L. orgs. **Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil,** São Paulo: Editora UNESP, 2015, 302 p.